

La Comédiathèque

SEM SENTIDO

PROIBIDO

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Sem Sentido Proibido

Comédia de esquetes

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Humor absurdo.

Elenco:

Numerosas personagens (homens e mulheres)

Duas personagens por sketch. Elenco variável.

1 – Aqui e no além.....	3
2. Sala de espera.....	5
3. Isso não quer dizer nada.....	10
4. A conta.....	11
5. Olhar não custa nada.....	14
6. Fogo!.....	16
7. O contador.....	18
8. Autoironia.....	21
9. Em uníssono.....	23
10. O jornal.....	25
11. A visita.....	28
12. Vacação.....	30
13. Pastar.....	33
14. Os autores de hoje em dia.....	35
15. Jorge.....	37
16. JC.....	41
17. A mala.....	43
18. Low cost.....	46
19. A estrada.....	53
20. A verdade seja dita.....	56
21. Contrassenso do humor.....	59

1 – Aqui e no além

Uma personagem espera, sozinha em cena, sem saber o que fazer.

In – Desculpe... Está aí alguém?

Após uma pausa, responde-lhe uma voz em off.

Off – Não...

In – Ah, está bem, eu... Bom...

Espera mais um momento.

In – Desculpe incomodar, mas... Já estou à espera há um bocado e...

Off – Sim...

In – Bom, perdi um pouco a noção do tempo. Estou aqui desde que... Enfim, já sabe... E estava a pensar se...

Off – Sim...

In – Estou... no céu... ou no inferno?

Off – O que lhe parece?

In – No purgatório?

Off – Não.

In – No limbo?

Off (*com surpresa*) – O limbo?

A personagem parece desorientada.

In – Mas então, onde?

Off – Em lado nenhum.

In – Em lado nenhum?

Off – Em lado nenhum.

In – Mas... até quando?

Off – Até começar.

In – Então ainda não começou?

Off – Não.

In – Ah, está bem... (*Tenta assimilar a informação.*) Mas o que é que ainda não começou?

Off – Também lhe posso fazer uma pergunta?

In – Sim...

Off – Que raio está aqui a fazer?

A personagem fica perplexa.

In – Pois, eu... Esqueci-me completamente...

Off – Mas quem é?

In – Sinceramente... Não faço ideia...

Uma pausa.

Off – Então já se pode começar.

2. Sala de espera

Ela está ali. Ele entra.

Ele (com uma amabilidade de circunstância) – Boa tarde.

Ela (por mera cortesia) – Boa tarde...

Ele anda de um lado para o outro, observando o espaço, um pouco desconfortável.

Ele – A que horas tem consulta?

Ela – Cheguei um pouco cedo...

Uma pausa.

Ele – Não viu ninguém?

Ela – Não.

Ele – Bem...

Uma pausa.

Ele – É a minha primeira consulta... Como é ela...?

Ela – Ela?

Ele – Foi uma mulher que me atendeu ao telefone...

Ela fica com um ar dubitativo, mas não responde.

Ela – Se calhar, são dois...

Ele – Então, para a senhora também é... a primeira vez.

Ela não responde.

Ele – Bem... Homem ou mulher... O importante é que sejam competentes...

Ela esboça um sorriso um pouco forçado. Novo silêncio constrangido.

Ele – Posso ceder-lhe a minha vez, se lhe der jeito... Como já cá estava antes de mim...

Ela (friamente) – Não me parece boa ideia.

Ele – Desculpe... Deixo-a em paz... É que estou um pouco nervoso...

Ela parece sentir-se culpada por ter sido tão brusca.

Ela – Eu também estou nervosa... Detesto esperar...

Ele – É por isso que chega antes da hora às consultas...

Ela não sabe bem como interpretar a observação. Ele olha para um relógio de parede, que pode ser imaginário.

Ele – É a primeira vez que vejo um relógio de parede numa sala de espera...

Olha para o relógio de pulso.

Ele – Esqueceram-se de o acertar...

Ela quase não presta atenção ao que ele diz.

Ele – É estranho... pôr numa sala de espera um relógio que nem sequer está certo... Claro que eles também nunca atendem à hora marcada, por isso...

Uma pausa.

Ele – Deve fazer parte do jogo...

Ela – Que jogo?

Ele – Fazer-nos esperar assim... Não é por acaso que nos chamam pacientes...

Uma pausa.

Ele (*inquieto*) – Não ouviu nada?

Ela – Não...

Ele dirige-se à porta por onde entrou e roda a maçaneta, mas não consegue abri-la.

Ele – Fechada...

Ela (*muito inquieta*) – Fechada? Quer dizer... à chave?

Ele – Agora é que já não podemos voltar atrás...

Dirige-se à porta do outro lado, que se supõe dar acesso ao consultório, e tenta rodar a maçaneta, com o mesmo resultado. Volta-se para ela.

Ele – Esta também está fechada...

Ela compreende a situação e começa a entrar em pânico.

Ela – Porque é que nos trancaram aqui? Sou claustrofóbica...

Ele gostaria de a tranquilizar, mas também começa a ficar muito preocupado.

Ela olha à sua volta, em pânico.

Ela – Não há janela nenhuma... Vamos morrer asfixiados...

Ele (*esforçando-se por manter a calma*) – Mas não, tenha calma... Além disso, temos os telemóveis...!

Ela – Eu não tenho telemóvel...

Ele – Mas eu tenho!

Tira o telemóvel e tenta marcar um número, mas depressa se desilude.

Ele – Bolas, fiquei sem bateria... (*Tentando, apesar de tudo, manter o otimismo.*) Mas há de haver uma tomada por aqui...

Começam ambos a procurar, primeiro de pé, depois de joelhos.

Ela – Não vejo nada... E o senhor?

Ele *(por detrás do sofá)* – Não... Ah, sim...

Levanta-se e ergue qualquer coisa.

Ele – Encontrei um preservativo...

Ela – Acha mesmo que é a altura certa?

Ele – Desculpe...

Ela – Então, o que fazemos?

Ele – Por agora, além de esperar... Se calhar, voltam...

Ficam mais calmos por um momento, resignados.

Ela – Porque é que veio cá?

Ele olha para ela, um pouco surpreendido pela pergunta.

Ela – Desculpe... Aliás, eu também não sei muito bem o que faço aqui... Mas isso já é razão suficiente para ter vindo, não...? Quero dizer, não sabermos o que estamos aqui a fazer...

Parece estar prestes a desmaiar.

Ele – Deite-se...

Ela prepara-se para se deitar, como no divã de um psicanalista, mas de repente recua.

Ela – É o senhor?

Ele – Como assim, eu?

Ela – Então isto tudo é uma encenação para me desestabilizar?

Ele – Eu só lhe sugeri que se deitasse um pouco, para descansar...

Ela – Desculpe, estou a começar a delirar... *(Olha para o relógio de parede e parece compreender alguma coisa.)* Mas, agora que penso nisso... A hora não mudou ontem à noite?

Ele – Sim...

Ela – Esqueci-me completamente de adiantar o meu relógio!

Ele – E então?

Ela – Então, cheguei uma hora atrasada! Eu, que julgava ter chegado cedo! Foi por isso que o meu psicanalista já se foi embora! Deve ter fechado as portas ao sair, pensando que já não estava cá ninguém...

Ele – O seu psicanalista...? Não estamos num consultório de dentista?

Ela – O dentista é em frente...

Ele – A sério?

Ela – Pois é!

Ele leva de repente a mão à cara.

Ele (com uma expressão de dor) – Ai...! Já começou outra vez...

Ela – O quê?

Ele – O meu dente do siso! Foi por isso que vim!

Ela – O senhor, pelo menos, sabe porque está aqui...

Ele – Sim, bem... Vir a um psicanalista para me tirar um dente do siso...

Ela – Deve ter sido o nome dele que o confundiu...

Ele – O nome...?

Ela – O doutor Dentes... Realmente, presta-se a confusão...

Ele olha para ela sem perceber.

Ela – Dentes! Parece mais nome de dentista...

Ele – Nunca me tinha ocorrido... E a dentista...?

Ela – Sou eu...

Ele – Desculpe...?

Ela – Pode-se ser dentista e precisar de um psicanalista, sabe... Não é frequente, mas... Pode acontecer...

Ele – Mas então... poderá fazer alguma coisa por mim...

Ela (desconcertada) – É que... Não estou no meu consultório... Não tenho os meus instrumentos...

Parece reconsiderar.

Ela – Deixe cá ver...

Ele abre a boca e ela observa.

Ela – Sim, está tudo muito inflamado... E o dente já está bastante solto. Talvez, se puxar um pouco...

Ele – Ai!!! (Fecha a boca.) Tem a certeza de que é dentista?

Ela (ofendida) – Acha que estou a inventar isto tudo, é isso...? Então, para si, quem vai ao psicanalista é completamente louco...

Ele – Não, nada disso... É só que... Magoou-me, mais nada...

Ela – Pois... É isso que ouço o dia inteiro, imagine. Magoou-me... Como se eu os magoasse de propósito...

Ele continua com a mão na cara.

Ele – Porque é que se chamam dentes do siso, afinal...?

Ela – Porque nascem quando já se tem siso, suponho...

Ele – Então porque é que os dentes do siso têm de doer tanto, a ponto de ser preciso arrancá-los...?

Ela – É mesmo psicanalista...?

Ele – Pode-se ser psicanalista e ter dores de dentes, sabe... Desculpe insistir, mas... Tem a certeza de que isto não é um consultório de dentista...?

Ela – Quer dizer que eu estaria trancada na minha própria sala de espera, convencida de que estou num consultório de psicanalista...? Acha mesmo que sou louca!

Silêncio.

Ele – A verdade é que não há nada mais parecido com uma sala de espera do que outra sala de espera... E o relógio de parede não está certo... Tal como o seu relógio de pulso...

Ela (*com firmeza*) – O dentista é à direita e o psicanalista à esquerda!

Ele – Está bem, está bem...

Para disfarçar o constrangimento, percorre a sala e para diante da reprodução de um quadro, que pode ser imaginária.

Ele – *O Grito*... Um grande clássico das salas de espera... Serve tanto para dentistas como para psicanalistas...

Ela – Sim... Tenho um igual na minha sala de espera... (*Olha para ele, assaltada por uma dúvida, remexe no bolso e tira uma chave.*) Vou verificar, só para ter a certeza... Tenho a chave do meu consultório no bolso... (*Dirige-se à porta e abre-a sem dificuldade.*) Acompanha-me, doutor...? Vamos tratar desse dente do siso...

Ele olha para ela, perplexo.

3. Isso não quer dizer nada

Um homem e uma mulher.

Homem – Ando a pensar se o meu chefe não estará a tentar despedir-me.

Mulher – A sério?

Homem – Quando me cruzo com ele nos corredores, já não me cumprimenta. Antes almoçávamos juntos pelo menos uma vez por semana...

Mulher – Ora, isso não quer dizer nada... Se calhar anda muito ocupado. Ou está de dieta.

Homem – Não sei... Começou a tratar-me por senhor. Até então, tratava-me por tu.

Mulher – Ora, isso não quer dizer nada... Até pode ser uma demonstração de respeito, não acha? Mostra que o leva a sério.

Homem – Pois, mas... Acabou de me tirar um processo importante que eu tinha a meu cargo, para o entregar ao tipo que acabou de contratar...

Mulher – Ora, isso não quer dizer nada... Não quer que os empregados fiquem sobrecarregados de trabalho. Só lhe fica bem. Deve ter contratado alguém precisamente para o ajudar.

Homem – Pois... Agora é que não ando nada sobrecarregado. Na verdade, há uma semana que não tenho um único processo para tratar. Foram-me tirando todos, um a um.

Mulher – Ora, isso não quer dizer nada... Se calhar quer que fique completamente disponível para a próxima missão muito importante que lhe quiser confiar...

Homem – Não estou assim tão certo. Tinha um gabinete grande no último andar, mesmo ao lado do dele. Agora puseram-me na cave, numa sala sem janelas. E foi precisamente ao recém-chegado que o chefe deu o meu gabinete...

Mulher – Ora, isso não quer dizer nada... Ao menos já não o tem à perna o dia inteiro. Tem mais independência...

Homem – Ah, sim, isso é verdade. Posso fazer o que me apetece. Não aparece ninguém o dia inteiro. Passo o tempo a jogar online no computador. Bem, já não. Ontem cortaram-me o acesso à Internet...

Mulher – Ora, isso não quer dizer nada... A Internet está sempre a ir abaixo, toda a gente sabe.

Homem – O pior é que me pergunto se ele não andará a dormir com a minha mulher.

Mulher – A sério...?

Homem – Não sei... Ontem, por volta das três da tarde, vi-a sair de um hotelzito com ele... Agora vai dizer-me que isso não quer dizer nada...

Mulher – Hum... Isso talvez já seja um sinal...

4. A conta

Ela está sentada sozinha à mesa de um restaurante, com o olhar perdido. Ele chega com passo decidido, sem olhar para ela, já a rabiscar qualquer coisa no bloco de pedidos.

Ele *(com entusiasmo, um pouco acelerado)* – Gostou dos mexilhões recheados? São a especialidade do chefe...

Ela *(sombria)* – Eu comi o prato do dia. O coelho...

Ele *(sem se deixar perturbar)* – Então, para a senhora, o que vai ser para terminar? Uma sobremesinha? Um cafezinho? A conta?

Ela *(olhando-o intensamente)* – Não há nada mais deprimente do que comer sozinha num restaurante...

Ele *(tentando manter a compostura, embora um pouco desconcertado)* – Um digestivo?

Ela – Sobretudo para uma mulher...

Ele – Marie Brizard? Cointreau? Grand Marnier?

Ela – Comer num bom restaurante é um pouco como fazer amor, percebe?

Ele *(perturbado)* – Um licor de senhoras, portanto...

Ela – Tecnicamente, a sós ou acompanhada, acaba mais ou menos da mesma maneira. E, mesmo assim, é melhor a dois, não é...?

Ele – Uma tisana...?

Ela – Nem sequer é preciso falar, pois não? Nem na cama nem à mesa. Basta dizer duas ou três banalidades. Sei lá... Passa-me a manteiga...

Ele – Sonhos Doces? Noite Tranquila?

Ela *(solicita)* – Não quer mesmo sentar-se?

Ele – É que...

Ela – Para si também não deve ser fácil. Estou enganada?

Ele – Pois...

Ela – Não é que eu despreze o seu trabalho, percebe? Mas servir os pratos e depois ir-se embora, assim... Sem sequer poder prová-los... Já comeu, pelo menos?

Ele – Ainda não...

Ela – Tem fome?

Ele – Bem, eu...

Ela *(passando-lhe o cesto do pão)* – Tire ao menos um bocado de pão.

Ele – Não sei se...

Ela – Também tem direito a um minuto de descanso...

Ela levanta-se e, com autoridade, faz-lhe sinal para que se sente. Ele obedece.

Ele – A verdade é que... depois da azáfama do almoço, fico sempre um pouco de rastos...

Ela volta a sentar-se à frente dele.

Ela (sorrindo) – Pronto, assim já somos dois.

Ele começa a mastigar o pão seco.

Ela – Um pouco de manteiga? Assim escorrega melhor...

Ele – Obrigado.

Pega na manteiga e começa a barrar o pão.

Ela – Sabe o que me dizia a minha avó?

É evidente que ele não sabe.

Ela – O apetite é o melhor tempero.

Ele parece impressionado com o elevado teor filosófico da reflexão.

Ele – É verdade...

Ela – Quando se tem fome, uma simples fatia de pão...

Ele (suspirando) – Faz-me lembrar a infância... As fatias de pão que a minha mãe me dava ao lanche... Com manteiga salgada... Nasci na Bretanha...

Ela (amavelmente) – Quer um pouco de sal para pôr por cima?

Estende-lhe o saleiro. Ele hesita, pega nele e deita um pouco de sal sobre a fatia de pão. Ela observa-o comer com ternura.

Ela – É bom, não é?

Ele – Para mim, isto vale o mesmo que caviar, sabe...

Ela – Foi o que comi de entrada... Caviar... Também é salgado, sim... Sobre tudo a conta...

Ele sorri e continua a mastigar. Ela observa-o mais um momento, com um ar sereno.

Ela – Fez-me bem falar um pouco consigo.

Levanta-se e lança-lhe um olhar cheio de gratidão.

Ela – Obrigada, a sério...

Veste o casaco.

Ela (sorrindo) – Para a próxima, convide eu.

Ele – Obrigado...

Ela vai-se embora, fazendo-lhe um pequeno gesto de despedida antes de sair.

Ele fica sentado, um pouco desnorteado, continuando a mastigar a fatia de pão com manteiga enquanto fica absorto nos seus pensamentos. Entra outro homem (ou outra mulher), provavelmente o patrão (ou a patroa). Olha sem perceber, primeiro para o empregado de mesa sentado à mesa e depois para a porta por onde acabou de sair a cliente.

5. Olhar não custa nada

Um homem entra numa loja, onde é recebido por uma vendedora.

Mulher – Quer ver alguma coisa?

Homem – Vou só dar uma vista de olhos.

Mulher – Não custa nada dar uma vista de olhos.

Homem – Logo se vê.

Mulher – Vou olhar a ver se vejo alguma coisa para si...

Procura qualquer coisa e estende-lha.

Mulher – Ora veja lá.

Homem – Não dá demasiado nas vistas?

Mulher – Olhe para mim.

Homem – Vê-me com isto?

Mulher – É preciso ver como lhe fica. Veja-se ao espelho.

Homem – Não me vejo com isto.

Mulher – O senhor é que sabe. Quer ver outra coisa?

Homem – Vou continuar a olhar.

Olha para outra coisa.

Homem – Não vejo o preço.

Mulher – Veja na etiqueta.

Homem – Não vejo nada.

Mulher – Não olhe a despesas, acredite em mim.

Homem – Vou voltar a ver o primeiro.

Mulher – Tome, veja. Está a ver?

Homem – Ah, sim, com isto já me vejo melhor.

Olha para ela.

Homem – Não nos vimos já em algum lado?

Mulher – Não estou a ver...

Homem – Deixe-me olhar bem para si... Como se chama?

Mulher – Não tem nada que ver com isso.

Homem – Podíamos voltar a ver-nos.

Mulher – Ora veja só!

Homem – Está a ver onde quero chegar...

Mulher – Mas tu já olhaste bem para mim? Já te viste? Nem sequer olhes para mim, ouviste?

Homem – Estou a ver...

Mulher – Vou deixá-lo continuar a olhar.

Homem – Acho que já vi o suficiente.

Mulher – Mirone!

Homem – Então... voltamos a ver-nos?

Mulher – É isso. Desapareça da minha vista!

Homem – Olhar não custa nada...

Mulher – Pois olhe bem para mim, porque não me vai voltar a ver tão cedo.

Homem – Quem viver verá.

Mulher – Vá, já estou farta de te ver.

Empurra-o para fora.

Homem – Vamos lá ver...

Sai.

Mulher – Há que ver o que há para ver!

6. Fogo!

Duas mulheres, na esplanada de um café, font le pedido a um empregado de mesa que não se vê.

Uma – Um descafeinado, se faz favor. Com adoçante, como sempre...

Duas – Olha, vou mas é pedir um cappuccino! Amanhã volto à dieta...

A segunda vê dois homens do lado do público e retoca a maquilhagem, entusiasmada. A primeira, abatida, está absorta nos seus pensamentos.

Uma – Acreditas em Deus?

Duas (*excitada*) – Depende dos dias. Mas, ao ver aqueles bombeiros ali, acho que acabei de recuperar a fé...

Uma (*preocupada*) – Há algum incêndio por aí?

Duas – Mesmo à nossa frente... Acabaram de se sentar... Não os viste?

Uma (*semicerrando os olhos para tentar ver*) – Não, não vejo nada...

Duas (*tentando ser um pouco discreta*) – Ali, os dois vestidos de igual, com o cabelo cortado à escovinha e camisas azuis de manga curta. Deve ser o uniforme de verão...

Uma – E como é que sabes que são bombeiros?

Duas – Mas está escrito! Nos polos, não vês? Bombeiros Voluntários!

Uma – Ah, sim, talvez... Olha, tenho de comprar lentes novas.

Duas – Lentes...?

Uma – Acho que estou a ver tudo um pouco desfocado...

Duas – Eu cá vejo-os perfeitamente... E não sabes o que estás a perder...

Uma (*olhando para a segunda*) – Até a ti te vejo um pouco desfocada... E estás mesmo aqui ao meu lado... (*Preocupada.*) Será que já tenho vista cansada...?

Duas – Estão mesmo bronzeados, já viste? Mas parecem um pouco cansados, não achas...?

Uma – Sempre me perguntei porque é que lhes chamam lentes...

Duas – Se calhar acabaram de voltar de uma missão... (*Com ênfase.*) Guerreiros sujos e exaustos, que arriscaram a vida no meio das chamas, mas com o sentimento do dever cumprido...

Uma – É verdade, isso não tem grande coisa que ver com lentilhas...

Duas (*entusiasmada, acompanhando as palavras com gestos*) – Imagino-os com aquela enorme mangueira na mão, a tentar apagar um incêndio durante toda a noite...

Uma – Talvez seja porque é preciso deixá-las de molho toda a noite. Como as lentilhas...

A segunda olha para a primeira, sem perceber do que ela está a falar.

Duas – Agora percebo porque é que os nossos filhos sonham em ser bombeiros...

Uma – Ou então esqueci-me de as pôr...

Duas (*suspirando*) – Nem sequer nos veem...

Uma – Vou verificar, só para ter a certeza...

A primeira toca num dos olhos com o dedo.

Duas – É incrível... Parece que, assim que nos casamos, ficamos menos visíveis. E depois de uma ou duas gravidezes, ficamos completamente transparentes...

Uma – Ah, não, afinal tenho...

Duas – Pronto... Já se vão embora...

Uma – Não pode ser!

Duas – É verdade, juro, olha!

Uma (*horrorizada*) – Não me digas que pus as duas no mesmo olho...!

A segunda olha para a primeira, desconcertada. Ouve-se uma sirene dos bombeiros.

Uma – Mas que raio é que ele está a fazer com o meu cappuccino...? Tenho de voltar ao trabalho...

Duas – Calma, não está nada a arder...

7. O contador

Uma personagem está ali, de pé, mas encurvada. Toca a campainha. Vai abrir, sempre encurvada.

Dois (*em off*) – Bom dia! É para fazer a leitura dos contadores.

Um – Entre, estava à sua espera.

A segunda personagem aparece, também encurvada.

Um – É por aqui, siga-me. Cuidado, o teto é muito baixo.

Dois – Não se preocupe, já estou habituado.

A segunda personagem segue a primeira até um ponto do palco.

Um – Pronto, aqui é o da água.

A segunda personagem anota o número num bloco.

Dois – Muito bem...

A primeira personagem dirige-se a outro ponto do palco, seguida pela segunda.

Um – Este é o da eletricidade...

A segunda personagem anota o número no bloco.

Dois – Perfeito...

A primeira personagem dirige-se a outro ponto do palco, seguida pela segunda.

Um – Este deve ser o do gás.

Dois – Hum...

A segunda personagem anota o número no bloco.

Dois – Ah, este mês o seu consumo baixou. É verdade que tivemos um inverno muito ameno.

Um – O aquecimento global também há de ter algumas vantagens...

A primeira personagem dirige-se a um último ponto, seguida pela segunda.

Um – E este é o contador de oxigénio...

Dois – Muito bem...

A segunda personagem olha para o contador com ar de desaprovação.

Dois – Ah, aqui, pelo contrário, ultrapassou largamente o limite contratado! (*Volta-se para o outro.*) O que aconteceu, senhor Lopes?

Um – Não sei... É verdade que ultimamente fico um pouco ofegante quando corro... Na passadeira...

Dois – Tem de deixar de fazer exercício, senhor Lopes... Pode fazer bem à saúde, mas não faz bem à carteira...

Um – Ainda por cima, o oxigénio voltou a aumentar este mês...

Dois – Não terá uma fuga?

Um – Não creio...

A segunda personagem anota o número no bloco.

Dois – Talvez devesse baixar mais um pouco o teto... Haveria menos perdas, acredite...

Um – É que, com as minhas costas...

Dois – O senhor é que sabe...

A segunda personagem tira um terminal de pagamento.

Dois – Então... Cheque? Cartão?

Um – É que... Isto não podia esperar mais um pouco? A minha reforma, essa, tem é tendência para baixar...

Dois – Pois, mas, senhor Lopes... Está a pôr-me numa situação complicada...

Um – Podia pagar em duas prestações...

Dois – Pois, mas isso não é possível, senhor Lopes... Compreenda, se toda a gente fizesse como o senhor...

A primeira personagem não sabe o que responder. A segunda está visivelmente incomodada.

Dois – Pronto... Vamos dizer que não consegui fazer a leitura dos contadores porque o senhor não estava em casa, e volto cá para a semana, está bem?

Um – Está bem... Mas, se pudesse voltar só daqui a quinze dias...

Dois – Senhor Lopes... Também não exagere! E imagine... Se tivéssemos de lhe cortar o oxigénio, sabe o que isso significa...

Um – Só me restava o gás.

Dois – Se tiver pago a fatura...

Apesar de tudo, a segunda personagem dá à primeira uma palmadinha amistosa nas costas, para desanuviar, antes de se despedir.

Dois – Vá, não se preocupe, senhor Lopes... Volto para o mês que vem, está bem? Mas é a última vez!

Um – Obrigado...

Dois – E até lá, nada de exercício! E tente não respirar tantas vezes, homem! Sei lá... Uma vez sim, outra não, chega perfeitamente, não acha? Quando custa chegar ao fim do mês, é preciso saber apertar um pouco o cinto... Basta subir o cinto até à altura dos pulmões...

A primeira personagem responde-lhe com um sorriso resignado e prepara-se para o acompanhar até à porta.

Dois – Não precisa de me acompanhar, conheço o caminho. E assim sempre poupa o fôlego...

A primeira personagem para e cumprimentam-se com um aperto de mão.

Dois – Vá, até à vista, senhor Lopes... E pense no que lhe disse... Baixar o teto trinta centímetros reduz em dez por cento o consumo de oxigénio... Não viu a nossa última campanha de sensibilização na televisão?

Um – Obrigado... *(A segunda personagem sai e a primeira fica sozinha.)* Acho que será melhor apagar também a luz...

8. Autoironia

Duas personagens olham para alguma coisa à sua frente.

Um – Que carro é?

Dois – Um Mercedes.

Um – Ah, pois.

Dois – Gamaram-me a estrela. Ao princípio mandava pôr outra. Depois desisti. Estavam sempre a gamá-la.

Um – Essa ideia de pôr estrelas até nos carros... É mesmo coisa de alemães.

Dois – Pergunto-me o que raio fazem com elas.

Um – Quem?

Dois – Com todas essas estrelas! Colecionam-nas, ou quê?

Um – De qualquer modo, mais vale que lhe gamem a estrela e lhe deixem o carro. O meu não tinha estrela. Roubaram-me o carro no ano passado. Por isso comprei este. Em segunda mão... *(Uma pausa.)* E está satisfeito com o seu?

Dois – É sólido.

Um – Não é muito bonito.

Dois – É alemão.

Um – É uma boa marca.

Dois – É Mercedes.

Um – Pois.

Dois – Sabemos o que compramos.

Um – E sabemos o que temos.

Dois – Qualidade alemã, pronto. *(Uma pausa.)* E o seu, que marca é?

Um – Nunca soube.

Dois – Desculpe?

Um – O tipo que mo vendeu disse que era um Renault. Não tinha a marca escrita em lado nenhum. Mas na oficina disseram-me que não era.

Dois – Então, o que é?

Um – Não sabem.

Dois – Merda!

Um – Tirando isso, anda bem. Uma mudança de óleo de vez em quando. Ainda bem, porque quanto a peças sobresselentes... Quando não se conhece a marca...

Dois – Ah, pois...

Um – Pois... É filho de marca desconhecida. Disseram-me que talvez tivesse sido fabricado num país de Leste. Ou na China. Talvez em Israel. Por um fabricante que entretanto desapareceu. Ou que mudou de nome. Como os judeus durante a guerra, está a ver?

Dois – Mas o que é que diz no livrete?

Um – Renault.

Dois – Mas não é um Renault...

Um – Era preciso dar-lhe um nome. Um estado civil, por assim dizer. Adotá-lo, pronto. De resto, tem tudo em ordem. É um carro, está a ver? Quer dizer, anda. Só que é de marca desconhecida.

Dois – E de que ano é?

Um – Pois, também não se sabe muito bem. Terá uns trinta anos. Mas é de antes da queda do muro, isso é certo.

Dois – Que muro?

Um – Pois, isso é que não se sabe. O Muro de Berlim, talvez. Ou a Grande Muralha da China. Sabe-se lá...

Dois – A Grande Muralha da China caiu?

Um – Era preciso fazer uma datação. Por carbono 14. Diretamente à saída do tubo de escape.

Dois – Não tem catalisador...

Um – Nem cintos de segurança, como deve calcular. Mas, como é considerado um carro de coleção, posso andar com ele na mesma. Tirando isso, é um bom carro.

Dois – E funciona a quê?

Um – Eu meto-lhe gasóleo de aquecimento. Mas talvez funcionasse com outra coisa. Nunca experimentei.

Dois – Merda...

Uma pausa.

Um – E o seu, tem mesmo a certeza de que é um Mercedes?

A outra personagem olha para ele, um pouco inquieta.

Um – Não, quero dizer, como não tem a estrela...

Uma pausa.

Um – Tem os documentos, ao menos?

9. Em uníssono

Duas personagens (homens ou mulheres) cruzam-se.

Um – Bom dia.

Dois – Boa noite.

Cada uma parece intrigada com o comportamento da outra.

Um – Bom noite.

Dois – Boa dia.

Um – Posso ajudá-lo?

Dois – Precisa de alguma informação?

Um – Este não percebe nada.

Dois – Parece um pouco apalermado.

Um – Está a ouvir-me?

Dois – O que estará ele a dizer?

Um – Fala português?

Dois – Do you speak Portuguese?

Um – ¿Adónde vas?

Dois – Quo vadis?

Um – De certeza que não é daqui.

Dois – Não deve ser da região.

Um – Talvez seja uma língua regional.

Dois – Parece um dialeto.

Um – Tem algum problema?

Dois – Tem a certeza de que está bem?

Um – Ah, sim, ele tem um problema sério.

Dois – Não, é evidente que não está bem.

Um – Procura alguma coisa?

Dois – Perdeu alguém?

Um – Ou então tem algum problema de dicção.

Dois – Talvez devesse escrever-lhe qualquer coisa num papel.

Um – Tem um lápis?

Dois – Tem uma folha de papel?

Um – Parece que vai desmaiar.

Dois – Talvez devesse chamar um médico.

Um – Quer que chame o INEM?

Dois – Se calhar é melhor ligar aos bombeiros.

Um – Parece completamente perdido.

Dois – Talvez não esteja muito bem da cabeça.

Um – Ah, sim, dá pena vê-lo.

Dois – Coitado... Não gostava de estar no lugar dele.

Um – Quer que o leve a algum lado? Estou de carro.

Dois – Ainda bem que veio a pé. Não está em condições de conduzir.

Um – Bom, acho que não vale a pena insistir.

Dois – Talvez seja melhor deixá-lo em paz.

Um – Tem a certeza de que vai ficar bem?

Dois – Vai conseguir desenrascar-se sozinho?

Um – O que é que posso fazer?

Dois – Gostava de fazer alguma coisa, mas o quê?

Um – Bom, então... Até logo.

Dois – Então, hum... Adeus.

Um – Isso... Até ao rego.

Dois – Vá... A dois.

Continuam sem se decidir a ir embora, cada um um pouco preocupado com o outro.

Dois – Hã?

Um – Dois?

Dois – Um.

Um – Dois.

Vão-se embora, cada um para seu lado, em passo cadenciado.

Dois – Um.

Um – Dois.

Dois – Um.

Um – Dois...

Dão uma volta ao palco, voltam a encontrar-se e saem juntos, sempre em passo cadenciado.

10. O jornal

Duas personagens estão sentadas num banco.

Um – Leu o jornal esta manhã?

Dois – Não. O que se passa?

Um – Não sei. Cancelei a assinatura.

Dois – Normalmente há sempre um por aí, num banco.

Um – Ou numa papeleira.

Dois – Nem que seja o de ontem.

Um – Não temos pressa.

Dois – Não precisamos de notícias frescas.

Um – Somos reformados.

Dois – Só queremos saber o que se passa.

Um – Se acontecesse alguma coisa, nem dávamos por isso.

Dois – Ainda bem que temos televisão.

Uma pausa.

Um – Viu televisão ontem à noite?

Dois – A minha antena caiu do telhado durante o último temporal.

Um – Eu ainda tenho a antena. A televisão é que avariou.

Dois – Se calhar estão em greve.

Um – A televisão? Como havemos de saber, se já não conseguimos vê-la?

Dois – O jornal! Se calhar estão em greve.

Um – Costumava haver sempre um por aí, num banco.

Dois – Foi por isso que cancelei a assinatura.

Um – O senhor também?

Dois – Mas se toda a gente fez como nós...

Um – É a morte da imprensa.

Dois – Acabaram-se os jornais abandonados nos bancos.

Um – Nunca mais vamos saber o que se passa.

Dois – Na Idade Média não havia jornais.

Um – E as pessoas não viviam pior por isso.

Dois – Não sabiam ler.

Um – E sabe-se lá se é verdade tudo o que os jornais contam.

Dois – Às vezes exageram um pouco, isso é certo.

Um – Quando falam da América, por exemplo.

Dois – Da América?

Um – O senhor já foi à América?

Dois – Não.

Um – Então como podemos ter a certeza de que a América existe mesmo?

Ficam um momento a meditar nesta ideia.

Dois – E se Cristóvão Colombo não tivesse encontrado nada?

Um – E se Cristóvão Colombo nunca tivesse existido?

Dois – E se não houvesse nada do outro lado do mar?

Um – E se nem sequer houvesse mar? (*A outra personagem olha para ele, um pouco surpreendida.*) Alguma vez viu o mar?

Dois – Ah, sim, claro. Quer dizer, na televisão. Quando ainda tinha antena.

Um – Admitamos que sim. Mas como saber o que há do outro lado dos mares?

Dois – E se afinal a Terra fosse mesmo plana?

Um – Como saber o que se passa realmente no mundo?

Dois – Ou até neste país.

Um – Ou até nesta cidade.

Dois – Ou até neste parque.

Um – Ou até aqui.

A outra personagem olha para ele, um pouco desconcertada.

Dois – Aqui saberíamos o que se passa, não?

Um – Precisamente. Para isso não precisamos de ler o jornal.

Dois – E o que se passa noutros sítios, cá entre nós...

Um – Como é que podemos saber ao certo?

Dois – Como podemos ter a certeza?

Um – Pelo jornal é que não, de certeza.

Uma pausa. A atenção da segunda personagem é atraída por qualquer coisa junto aos seus pés. Apanha uma folha de jornal amarrotada numa bola e desdobra-a.

Um – O que é isso?

Dois – Uma página de jornal.

Um – Que secção?

Dois – Ocorrências.

Um – E então?

A outra personagem olha para ele, estupefacta.

Dois – Falam de nós.

Um – Isso não quer dizer que existamos mesmo.

A outra personagem volta a olhar para a página.

Dois – Diz aqui que estamos mortos.

Um – Mortos?

Dois – Eu, ao cair do telhado quando tentava reparar a antena. O senhor, eletrocutado quando mexia na televisão.

Um – Mortos...

Dois – Vem no jornal.

Um – Mesmo assim...

Dois – Como saber se é verdade?

11. A visita

Duas personagens chegam com ar preocupado. Permanecem em silêncio durante alguns instantes.

Um – Então? Como é que o achaste?

Dois – Sinceramente, estava à espera de pior...

Um – Pois.

Novo silêncio.

Um – Pior?

Dois – Não sei... É verdade que está muito debilitado, mas pronto... Pelo menos falou connosco...

Um – Pois...

Uma pausa.

Um – O que é que ele disse, exatamente?

Dois – Não tenho a certeza de ter percebido muito bem... Uma coisa do género... Óóó...
Aaa... Aaa... Iii...

Um – Pois... Foi isso que eu percebi também...

Dois – Tem alguma dificuldade com as consoantes...

Um – Pois.

Dois – Mas, pelo menos, parecia contente por nos ver.

Uma pausa.

Um – Tenho pena de o ver assim...

Dois – Éramos muito próximos dele...

Um – Eu gostava muito dele.

Dois – Acho que ele também gostava muito de nós.

Um – Éramos muito próximos.

Silêncio.

Um – Achas mesmo que nos reconhece?

Dois – Claro que sim!

Um – Quando chegámos, virou a cabeça para o outro lado...

Dois – Deve ser um reflexo... Não sei se consegue controlar todos os movimentos, sabes...

Um – Tive a impressão de que estava a tentar dizer-nos alguma coisa...

Dois – Se calhar queria agradecer-nos a visita...

Um – Hum...

A segunda personagem pousa uma mão reconfortante no ombro da primeira.

Dois – Temos de ir andando. Voltamos cá para o ver...

Um – Pois...

Começam a ir-se embora.

Um – Acho que afinal percebi o que ele estava a tentar dizer-nos há pouco...

Dois – Disse alguma coisa?

Um – Sabes: Ó... A... A... I...

Dois – Ah, isso... E então?

Um – Ó... A... A... I... Acrescentas umas consoantes... Soa muito a... «Fora daqui»...

Dois – Achas...?

Um – Parece...

Dois – Hum... De qualquer maneira, parecia contente por nos ver...

Um – Pois...

Dois – Vá, voltamos cá...

12. Vacação

Duas personagens.

Um – Então, como foi lá?

Dois – Ah, sim, foi... Mas ficava tão longe!

Um – Longe?

Dois – A sério, não pensava que fosse tão longe.

Um – Mas era bom?

Dois – Ah, sim, era... Mas era tão pequeno!

Um – Mas havia mar?

Dois – Ah, sim, o mar! Mas minúsculo.

Um – Mas havia uma praia, ao menos?

Dois – Ah, praia havia. Mas tanta gente...

Um – Na praia?

Dois – Na praia, no mar, por todo o lado... É tão pequeno.

Um – E esteve bom tempo?

Dois – Um tempo... magnífico. Mas estava um vento!

Um – Um vento...?

Dois – De arrancar os cornos aos caracóis.

Um – E há muitos por lá?

Dois – Caracóis? Nem um! Deve ser por causa do vento...

Um – E come-se bem?

Dois – Muito bem! Enfim, melhor do que seria de esperar...

Um – E o que é que se come?

Dois – Um pouco de tudo.

Um – Caracóis, não, de certeza.

Dois – Para comer caracóis, não vale a pena ir lá.

Um – Pois...

Dois – Caracóis do mar, quando muito...

Um – Hum...

Dois – Se conseguires encontrar algum...

Um – Pois...

Dois – Mas o mar é tão minúsculo...

Um – Hum...

Dois – E como a água não é muito salgada...

Um – Ah, não...?

Dois – Não sei se os caracóis do mar se dariam muito bem por lá...

Um – De certeza que não...

Dois – As rãs, talvez...

Um – As rãs?

Dois – Quer dizer... rãs do mar. Se isso existisse...

Um – E há muita coisa para fazer por lá?

Dois – Ui! Dá-se a volta àquilo num instante... É tão pequeno... Não, ali vai-se para descansar. Porque, para o resto...

Um – Então vens descansado?

Dois – Completamente exausto. Por causa do fuso horário. É que há quase vinte e quatro horas de diferença entre lá e cá.

Um – Ah, sim, ainda é bastante...

Dois – Não, mas sinceramente foi muito bom. Muito bom. Voltava lá com todo o gosto...

Um – Olha, até me estás a dar vontade de ir lá dar uma volta.

Dois – Por outro lado, será que vale mesmo a pena ir tão longe? A um país tão pequeno.

Um – A algum lado temos de ir.

Dois – Não, para o ano estava a pensar ir antes ao Listenstaine.

Um – Também é pequeno.

Dois – Pois... Mas fica mais perto.

Um – Mas não tem mar...

Dois – Ah, não?

Um – Ou então tem um muito pequenino... e pouco salgado.

Ficam imóveis e em silêncio durante alguns instantes.

Dois – Sabes em que estava a pensar?

Um – Não.

Dois – Como a Terra gira...

Um – Sim.

Dois – Se conseguíssemos ficar imóveis durante tempo suficiente...

Um – Sim.

Dois – Não, mas completamente imóveis...

Um – Hum...

Dois – Acima do chão, quero eu dizer, agarrados a alguma coisa...

Um – Sim.

Dois – Sem os pés tocarem no chão.

Um – E então?

Dois – Doze horas depois estaríamos na China.

A outra personagem olha para ele, estupefacta.

Um – E vinte e quatro horas depois estaríamos de volta aqui.

Dois – Teríamos dado a volta ao mundo.

Ficam um momento a avaliar todas as implicações desta descoberta.

Dois – Mas ainda era preciso encontrar alguma coisa a que nos agarrarmos...

Um – Pois...

13. Pastar

Estão sentados lado a lado. Ele mastiga o que parece ser uma pastilha elástica. Ela vira-se para ele.

Ela – Estás bem?

Ele – Muito bem, porquê?

Ela – Não sei... Parece que estás a ruminar alguma coisa...

Ele – Ah, sim... É feno... *(Ela olha para ele, surpreendida. Ele levanta-se.)* Apetecia-me ir até ao parque, para variar um pouco.

Ela – Está bem... Se passares pelo talho, podes trazer duas costeletas de porco? Faço-as esta noite na frigideira, com arroz.

Ele – Não.

Ela – Desculpa?

Ele – Ah, é verdade, não te contei? Tornei-me herbívoro.

Ela acusa o golpe.

Ela – Então traz só uma costeleta... Podes sempre comer o arroz.

Ele – O arroz?

Ela – Se decidiste tornar-te vegetariano...

Ele – Ah, não, eu não disse vegetariano. Disse herbívoro.

Uma pausa.

Ela – Está bem... Então traz uma alface...

Ele – Não vale a pena. Vou pastar um bocado de relva no parque.

Ela – A relva...

Ele – Sempre me senti próximo das vacas... Há uma altura na vida em que sentimos necessidade de pôr os nossos atos de acordo com as nossas ideias. Percebes?

Ela – Estou a tentar...

Ele – Digo vacas, mas podia dizer ovelhas, girafas ou gazelas...

Ela – Ah, pois...

Ele – Os herbívoros, pronto... Não queres vir comigo?

Ela – Aonde?

Ele – Ao parque!

Ela – Estás a mandar-me pastar?

Ele – Tens alguma coisa mais urgente para fazer?

Ela – Não.

Ele – Na semana passada choveu muito. Passei por lá há pouco e a relva está magnífica, vais ver. Temos de aproveitar antes que os passeantes a pisem toda. Com este bom tempo, o parque vai estar cheio de gente esta tarde. Acredita, é melhor irmos já.

Ela – Está bem, vou vestir o casaco.

Ele veste um casaco felpudo, a imitar pele de ovelha.

Ele – Não dá demasiado nas vistas?

Ela – Muuuu... não. (*Veste um casaco a imitar pele de vaca.*) E eu, estou bem?

Ele – Méééé... sim.

Saem.

Ela – Se calhar não devia ter vestido uma saia... Vamos ter de nos pôr de gatas?

14. Os autores de hoje em dia

Duas personagens de pé, com os braços caídos ao longo do corpo.

Um – Estás a ver? A esta hora já devíamos estar a representar.

Dois – E estamos aqui essecados, sem saber sequer como começar.

Um – Nem sabemos o que dizer, nem o que fazer, nem onde nos meter.

Dois – Não deixou umas palavras? Nem duas letras para ler?

Um – Isso não o faria voltar, mas saberíamos o que dizer.

Dois – E saberíamos o que fazer, saberíamos o que sentir.

Um – Deixou-nos aqui, diante de um vazio profundo.

Dois – Porque é que fez isto? Por medo de fracassar diante de todo o mundo?

Um – E os amigos? Não pensou em toda esta gente.

Dois – Olha, estão todos sentados à nossa frente.

Um – Estão à espera das nossas falas, mas o que podemos dizer?

Dois – Nada. Não temos nada para dizer.

Um – Porque não temos a peça.

Um – Porque ele não escreveu uma única linha.

Dois – Porque morreu ontem.

Um – Engasgado com uma espinha.

A outra personagem olha para ele, surpreendida.

Dois – Engasgado com uma espinha?

Um – Foi só por causa da rima.

Dois – A peça era em verso?

Um – Não sei. Isto não rima com nada...

Dois – Não somos autores, nem atores, nem coisa parecida.

Dois – Não sabemos o que vos dizer. Viemos só para a despedida.

Um – Duas personagens de luto e umas rimas órfãs.

Uma pausa.

Um – Agora devíamos fazer uma vénia e receber uma ovação.

Dois – Ou receber assobios e insultos, sem a menor compaixão.

Um – Mas ao menos saberíamos.

Dois – Se era uma boa peça ou um texto banal.

Um – Um grande sucesso ou um fracasso total.

Dois – Mas nunca o saberemos. Ponto final.

Um – Não, a sério, isto é uma tristeza.

Dois – Os autores de hoje em dia são cá uma beleza.

15. Jorge

Ele está sentado numa cadeira. Ela entra com uma gabardina de inspetor da polícia, demasiado grande para ela.

Ela – Há aqui alguém que se chame Jorge?

Surpreendido, ele olha à sua volta. Depois, para o público.

Ele – Não sei... Provavelmente, sim...

Ela (*desconfiada*) – Provavelmente?

Ele – Eu não, de certeza. Quer dizer, acho que não...

Uma pausa, durante a qual ela parece hesitar.

Ela – E o que é que quer do Jorge?

Ele – Eh... Não devia ser eu a perguntar isso?

Ela – Ah, sim? E porquê?

Ele – Porque é a senhora que está à procura do Jorge.

Ela – Sim.

Ele – Portanto, essa fala é minha: «E o que é que quer do Jorge?» Senão, isto não faz sentido...

Ela – Tem razão... O autor devia estar outra vez bêbedo quando escreveu isto...

Ele – Deve ter saltado uma linha.

Ela – Deve ter baralhado as personagens.

Ele – Ainda por cima, nem sequer têm nome.

Ela – E esta gabardina fica-me grande demais.

Ela despe a gabardina e estende-lha, revelando por baixo uma roupa semelhante à dele. Ele levanta-se e veste a gabardina. Fica-lhe perfeitamente. Ela senta-se no lugar dele.

Ela – E o que é que quer do Jorge?

Ele (*referindo-se à gabardina*) – Ah, assim já é outra coisa...

Ela – Não respondeu à minha pergunta.

Ele – Aqui, as perguntas faço-as eu, está bem?

Ela – Está bem... (*Ele parece ter ficado sem perguntas.*) Então?

Ele – Então, o quê?

Ela – Sobre o Jorge...

Ele – O Jorge... Hum... Não será ele, por acaso?

Ela – Quem?

Ele – O autor!

Ela – O autor? O Jorge? Ah, não me parece...

Ele – E porquê?

Ela – Mas porque... Porque é um autor anónimo. Do início do vinte.

Ele – É raro, não é, haver autores anónimos do século vinte?

Ela – E porquê?

Ele – Os autores anónimos são mais da Idade Média. Hoje em dia, temos meios para encontrar os autores. O ADN, essas coisas. O ficheiro dos delinquentes literários. Um autor anónimo do século vinte não faz sentido...

Ela – Do vinte... Do vigésimo arrondissement de Paris! Mesmo ao princípio do vigésimo, para os lados da Nation. Um autor anónimo do princípio do vigésimo arrondissement.

Ele – Ah, sim...

Ela – Pois.

Ele – Sim, assim já não me admira tanto.

Ela – E porquê?

Ele – Os autores famosos costumam viver no sexto ou no sétimo arrondissement. É preciso ter dinheiro. No décimo nono e no vigésimo, claro, só há autores anónimos. E que aspeto tem esse autor?

Ela – O Jorge?

Ele – O Jorge, se preferir.

Ela – Porque quer saber que aspeto tem?

Ele – Caso o veja.

Ela – Então quer que lhe dê uma descrição física?

Ele – Para o reconhecer...

Ela – Muito bem. Tem com que tomar nota?

Ele tira um bloco e um lápis do bolso da gabardina.

Ele – Diga...

Ela – Jorge faz-se chamar Jorge. Mas é evidente que se trata de um nome falso. Um pseudónimo, se preferir.

Ele – Percebo... Um nome de código.

Ela – Ninguém conhece o verdadeiro nome do Jorge. Na verdade, a única coisa que sabemos acerca dele é que não se chama Jorge. Portanto, quanto ao seu aspeto...

Ele (*rabiscando no bloco*) – Muito bem, agradeço-lhe estas preciosas informações...

Ela – Escreveu mesmo isso?

Ele – Fiz melhor... (*Estende-lhe o bloco.*) Veja...

Ela – Um retrato-robô? (*Olha para o desenho.*) Mas... porque é que desenhou um cão?

Ele – Eu... Só sei desenhar cães... Mas há de reconhecer que está bastante parecido, não?

Ela – Sim... É tal e qual...

Ele – E não é um cão qualquer... É um cão da polícia... O cão é o melhor amigo do homem. Acredite, um cão nunca a desiludirá.

Ela – Já acabou?

Ele – O quê?

Ela – A investigação!

Ele – Por enquanto, sim. Mas peço-lhe que se mantenha à disposição da polícia. Ainda tenho de consultar outras fontes...

Ela – Que fontes?

Ele – Garamond, Helvetica, Times New Roman... Tem muito por onde escolher...

Uma pausa.

Ela – E porque é que procuram esse Jorge, exatamente?

Ele – Lamento, mas isso, mesmo que soubesse, não lho poderia dizer.

Ela – Estou a ver...

Ele – Tem muita sorte.

Ela – Então posso ir-me embora?

Ele – Para onde?

Ela – Não sei... Por ali...

Ele – Muito bem, então digamos que... vou segui-la discretamente.

Preparam-se para sair.

Ela – E tem mesmo a certeza de que ele existe?

Ele – Quem?

Ela – O Jorge!

Ele – Claro!

Ela – Mesmo assim, sabemos muito pouco sobre ele.

Ele – Já sabemos que não se chama Jorge...

Ela – Sim.

Ele – É um começo.

Saem.

16. JC

As indicações de esquerda e direita são dadas do ponto de vista do público.

J está ali, sem nada para fazer, com um ar ausente. C entra pela esquerda e fica com um ar perplexo.

C – Alguém me pode explicar o que se passa aqui...?

Como se despertasse do seu torpor, J olha para C com uma mistura de surpresa e indiferença.

J – Passa-se alguma coisa?

C – O que é que se passa?

J – E o que é que poderia estar a acontecer?

C – Não sei... Por isso é que lhe pergunto.

J – Chegou e...

C – Tive a impressão de ter interrompido qualquer coisa...

J – E o que é que poderia ter interrompido?

C – Nada.

J – Já é alguma coisa.

C – O quê?

J – Aparecer assim... Do nada... E interromper-me... Quando eu não estava a fazer nada.

C – Está a insinuar que fui eu que fiz alguma coisa?

J – Não foi?

Uma pausa.

C – Bom, e agora o que é que fazemos?

J – Não sei. Ficamos à espera, a ver o que acontece.

C – O quê?

J – Que aconteça alguma coisa...

C – Alguma coisa?

J – Ou alguém...

C – Alguém...? E por onde poderia entrar?

J – Nunca sei... (*Hesita.*) Se pela direita, se pela esquerda...

C – Mas é muito simples... Repare. *(Vira-se de costas para o público e aponta primeiro para a esquerda e depois para a direita.)* Deste lado, Jardim do Éden. Do outro, Corte dos Milagres. Jardim, Corte. JC.

J – JC...?

C – Jardim, Corte... JC... Jesus Cristo!

J – Ah, sim...

Uma pausa, durante a qual nada acontece.

J – Tem razão... É melhor separarmo-nos...

J sai pela direita. C fica sem fazer nada e com o mesmo ar ausente que J tinha no início da cena. Passado algum tempo, J irrompe pela esquerda.

J *(teatralmente)* – Alguém me pode explicar o que se passa aqui...?

Como se despertasse do seu torpor, C olha para J com surpresa. Depois, parece recordar-se vagamente de alguma coisa.

C – Vai-se rir, mas eu estava à sua espera...

J – Como se eu fosse o Messias.

C – Mas não por esse lado...

17. A mala

Uma personagem chega com uma mala na mão e aproxima-se de uma mesa, atrás da qual se encontra outra personagem.

Um – Bom dia, é aqui a secção de Perdidos e Achados?

Dois – É.

Um – Perdi-me a caminho.

Dois – Então é para entregar alguma coisa?

Um – Não, é mais para levantar.

Dois – O que é que perdeu?

Um – Deixe-me ver... *(Tira um papel e lê.)* Perdi a virgindade quando era muito jovem. Perdi todas as ilusões mais ou menos na mesma altura. Perdi a fé e oito quilos. Perdi o sangue-frio e bastante dinheiro. Perdi o emprego e o apetite. Perdi tempo antes de perder a cabeça. Perdi a dignidade e as estribeiras. Perdi o norte e perdi o sono. Perdi a alegria de viver juntamente com as minhas últimas esperanças. E, muito recentemente, perdi a memória.

Dois – Ah, sim.

Um – Anteontem, até perdi a minha mulher.

Dois – Mas quando diz que a perdeu...

Um – Uma loura baixinha, um pouco rechonchuda, com uma fita vermelha à volta do pulso. Não a terão trazido para aqui, por acaso?

Dois – Uma fita vermelha?

Um – Era precisamente para a reconhecer. Faço o mesmo com as malas quando viajo de avião. Mas nem assim deixei de a perder.

Dois – Perdeu uma mala? Porque malas é o que não nos falta, sabe? O que é que tinha dentro da mala?

Um – Que mala?

Dois – A mala que perdeu.

Um – Eu não perdi mala nenhuma. Pelo contrário. *(Aponta para a mala.)* Encontrei uma.

Dois – O que é que há nessa mala?

Um – Nada. Quer dizer, acho que não. Não consegui abri-la. Pensava enchê-la com tudo o que me vai devolver.

Dois – Sim, mas se essa mala não é sua... Tem a certeza de que não é sua? Tem uma fita vermelha à volta da pega.

Um – Ah, pois tem...

Dois – Tem a certeza de que não é casado com uma mala?

Um – Ah, sim!

Dois – Se soubesse quantas malas temos aqui com uma fita vermelha à volta da pega...

Um – E a minha mulher?

Dois – Lamento, mas mesmo que alguém a encontre, não creio que venha entregá-la aqui. Estava inteira?

Um – Porque pergunta isso?

Dois – Sei lá... Aos bocados, uma mulher baixinha, mesmo sendo um pouco rechonchuda, cabe numa ou duas malas... O problema é que malas é coisa que não nos falta. E, na maioria das vezes, nem nos damos ao trabalho de as abrir para ver o que têm lá dentro.

Um – A sério?

Dois – Sobretudo quando estão fechadas à chave.

Um – Ah, sim.

Dois – Portanto, é claro que não lhe posso garantir a cem por cento que não haja aqui uma ou duas mulheres distribuídas por três ou quatro malas de tamanho normal, ou por um ou dois baús grandes.

Um – Estou a ver.

Dois – Só estou a tentar dizer-lhe que, se a sua mulher estiver aqui, estará provavelmente aos bocados.

Um – E o resto?

Dois – O resto? *(Uma pausa.)* Ah, sim, mas... não. Isso não vai ser possível.

Um – Porquê?

Dois – Porque estamos com falta de pessoal, ora essa!

Um – Ah...

Dois – Se dependesse de mim, já se sabe... Mas sou a única pessoa aqui. Para as entregas e para os levantamentos. Agora que eliminaram um posto em cada dois na função pública...

Um – Sim?

Dois – Num dia tratamos dos levantamentos e, no dia seguinte, das entregas.

Um – E hoje é dia de entregas.

Dois – Exatamente. Não teve sorte. Mas volte amanhã, que a minha colega trata do seu caso.

Um – Está bem...

Dois – Não quer mesmo deixar cá a mala? Disso posso eu tratar...

Um – Está bem... Tome... Venho buscá-la amanhã...

Dois – Essa ou outra qualquer... Que diferença faz...? Está vazia, de qualquer maneira...

Um – Pronto, então volto amanhã...

Dois – Tente não se perder desta vez... Agora já sabe onde nos encontrar...

A primeira personagem entrega a mala à segunda, que a recebe com um esforço visível.

Dois – Eh lá, para uma mala vazia, pesa que nem um morto.

A primeira personagem sai. A segunda examina a mala.

Dois – Fechada à chave... (*Arruma a mala num canto.*) Sabe-se lá o que estará aqui dentro desta vez.

18. Low cost

Uma fila de cadeiras ou um banco. Entra uma mulher a passo lento, com um saco de viagem na mão. Olha à sua volta com indiferença, apenas para adiar o momento de se sentar. Acaba por pousar o saco e sentar-se. Fica à espera, olhando em frente, com o olhar vazio. Entra um homem, um pouco mais apressado. Olha para o relógio e anda de um lado para o outro. Passado algum tempo, repara na mulher e vira-se para ela.

Ele – Desculpe, mas a senhora é...?

Ela (*surpreendida*) – Sim...

Ele – Bem me parecia...

Ela – Ah, sim...

Ele – Mas não queria...

Ela – Não, claro...

Ele – Dá-me licença para...?

Ela – Hum-hum...

Ele senta-se.

Ele – Então está aqui para...?

Ela – E o senhor não?

Ele – Sim, sim, eu também...

Ela – Perfeito.

Ele – Peço desculpa por...

Ela – Não tem de quê.

Silêncio. Continuam à espera, cada um por seu lado.

Ela – Tem horas, por favor?

Ele – Depende... A hora do local de partida ou a do destino?

Ela – Desculpe, foi uma pergunta parva.

Ele – Foi...

Silêncio. Ele levanta-se, inquieto.

Ele – Isto é o Terminal 2, não é?

Ela – Sim... Espero eu.

Ele – Como só cá estamos nós, já me estava a perguntar se...

Ela – Que outra coisa poderia ser...?

Ele – O Terminal 1?

Ela – O Terminal 1 já não existe.

Ele (*incrédulo*) – Só há o Terminal 2?

Ela – Sim.

Ele assimila a informação.

Ele – Não, é que, se estivéssemos no Terminal 1, como diz que já não funciona, isso explicava...

Ela – Estamos no Terminal 2.

Ele – Como só cá estamos nós os dois...

Ela – Se calhar, somos os primeiros.

Ele – Hum...

Silêncio. Ele volta a sentar-se.

Ele – Vai partir?

Ela – Desculpe?

Ele – Não, quero dizer... Está de partida ou de regresso? É daqui e vai para lá, ou está a voltar para casa?

Ela – Ah, isso? Bem... Vou... Venho... Não sou propriamente de lado nenhum... Digamos que estou em trânsito...

Ele – Eu também... (*Um pouco agitado.*) Não há casas de banho nesta zona, pois não?

Ela – Em princípio, não é suposto ficarmos aqui muito tempo... E o senhor?

Ele – Eu?

Ela – Está a voltar para casa?

Ele – Para casa? Ah, não, eu... Na verdade, estou um pouco como a senhora.

Silêncio constrangido.

Ela – Desculpe, não estou com muita vontade de conversar.

Ele – Eu é que peço desculpa... Deixo-a sossegada...

Ela – Não, não, não me incomoda... É só que... Acha que, se formos só os dois, partimos na mesma?

Ele – Espero que sim... Não sei... Acha que é como no teatro? Se não houver espectadores suficientes, cancela-se o espetáculo?

Ela – Aconteceu-me uma vez, imagine. No teatro, quero dizer. Aliás, fiquei com uma péssima recordação. Achei aquilo muito deselegante. Até grosseiro. Aquela maneira de nos atirarem à cara, à última hora: «Onde é que se meteu o resto do rebanho? Não estão a pensar que vamos representar para umas quantas ovelhas tresmalhadas, pois não? Está bem, deram-se ao trabalho de vir, não eram obrigados, azar o vosso. Mas nós somos estrelas! Só representamos com a sala cheia. Por isso, voltem a ver-nos quando houver fila à porta...» Que arrogância! Quando nem sequer conseguem atrair mais de duas pessoas de cada vez! E ainda por cima castigam-nos a nós, em vez de culparem precisamente todos os que não vieram. Pelo contrário, nesses casos deviam dar-nos os parabéns. Agradecer-nos. Deviam dizer-nos: «Obrigado por terem sido os únicos a dar-se ao trabalho de vir. O que conta não é a quantidade, é a qualidade. E, para agradecer a qualidade da vossa presença, esta noite vamos esforçar-nos o dobro do costume. Vamos representar só para vocês. Vão ver, vai ser uma experiência íntima de uma intensidade extraordinária. Uma experiência de que se vão lembrar toda a vida...» O que é que lhes custava representar? Nem que fosse para uma única pessoa! Mesmo com a sala vazia! Uma ou duas horas do tempo deles? Em vez disso, preferiram deixar-me ali pendurada e ir beber umas cervejas ao bar da frente, a lamentarem-se da vida difícil dos artistas...

Ele – Bem... Para quem não estava com muita vontade de conversar...

Ela – Desculpe, mas acho triste... Para eles, um espetáculo cancelado é só dinheiro que deixam de ganhar... Para mim, foi um encontro falhado... Um momento que nunca chegou a existir, percebe?

Ele – Pois, mas aqui é preciso pagar o querosene... Está a ver? Um ator, quanto é que consome? Um litro ou dois por dia. Mas um avião deve queimar uns mil litros aos cem. Ora, se formos só dois a bordo, está-se mesmo a ver. Mesmo que compremos umas coisas do duty free às hospedeiras durante o voo, não lhes compensa...

Ela – Hum...

Ele – E se estiverem em greve?

Ela – Ter-nos-iam avisado, não?

Ele – Se calhar, é uma greve surpresa. Coisa de comunistas!

Ela – Então porque é que seríamos os únicos a não saber?

Uma pausa.

Ele – Acha que um comunista que ganha a lotaria continua a ser comunista?

Ela – É preciso esperar. Não há mais nada a fazer...

Ele (*prossequindo o raciocínio*) – Eu, se ganhasse a lotaria, acho que começava a acreditar em Deus, pelo menos. (*Uma pausa.*) Sabe em que época gostava de ter vivido?

Ela – Não.

Ele – Na pré-história.

Ela – Ah, sim...

Ele – Não me pergunta porquê?

Ela – Diga lá.

Ele – Porque era tudo muito mais simples!

Ela – Acha?

Ele – Para começar, não havia aviões. Portanto, não havia companhias low cost. Aliás, também não havia carros. Nem sequer bicicletas, porque ainda não se tinha inventado a roda. Quando se queria ir a algum lado, ia-se a pé. Era muito mais ecológico.

Ela – A pé? Imagine só! Para ir de Paris a Nice, demoravam um mês!

Ele – Mas porque é que um neandertal havia de querer ir a Nice? A cidade de Nice não existia!

Ela – A Costa Azul existia, não existia? Aquelas pessoas também podiam querer passar a reforma num sítio agradável e bem frequentado, ou ir passar umas férias à beira-mar de vez em quando. Com a vida que deviam levar...

Ele – Mas não havia reforma nem férias! Porque o conceito de trabalho não existia. Também não havia Segurança Social, portanto não havia buraco nas contas. Não havia Estado nem religião, portanto não havia prisões nem sentimento de culpa.

Ela – Estou a ver... A lei da selva, então...

Ele – Exatamente! Gostava de ter vivido na época em que o homem era apenas um animal como os outros. Um pouco mais esperto do que os outros, talvez... A inteligência não tem só vantagens, sabe...

Ela olha à sua volta, um pouco inquieta.

Ela – Estou a começar a achar que se calhar tem razão...

Ele – Só precisámos de quatro milhões de anos para descender do macaco. Apenas um segundo à escala da história do universo. Ainda podemos fazer o caminho inverso...

Ela *(sem perceber)* – Para ir para onde?

Ele – Para voltar ao estado selvagem!

Ela – Eu estava a falar do nosso avião! Começo a pensar que teria sido melhor apanhar o comboio...

Ele – Também há comboios que não partem a horas, sabe? E outros que descarrilam...

Ela – Acredita no destino?

Ele – Depende do que quer dizer com isso...

Ela – A ideia de que já está tudo escrito.

Ele – Por quem?

Ela – Por ninguém! A ideia de que, na verdade, não temos escolha. Só a ilusão de poder escolher. A ideia de que o sítio aonde chegamos no fim está decidido desde o início por uma série de mudanças de via, façamos o que fizermos. E que só nos resta esperar com paciência...

Ele – Não somos obrigados a apanhar o comboio. A prova...

Ela – Também há controladores aéreos...

Ele – Pelos vistos, estão em greve... E se nos fôssemos simplesmente embora?

Ela – Estamos na zona de embarque.

Ele – E então?

Ela – Viu aquela placa?

Ele (*lendo*) – Saída proibida... É de loucos!

Ela – Já passámos pelo controlo de segurança. Não podemos voltar atrás...

Ele – E, pelos vistos, também não vamos descolar tão cedo. Mas quando é que se mija?

Ela – Lembro-me... Há muito tempo...

Ele (*interrompendo-a*) – Ah, não!

Ela – Como assim, não?

Ele – Não vai começar agora a contar-me a sua vida. As recordações são muito pesadas, sabe? Há um limite que não se pode ultrapassar. Se calhar, é por sua causa que não conseguimos descolar...

Ela – Eu?

Ele – Excesso de bagagem!

Ela – Só tenho um saco pequeno...

Ele – É uma companhia low cost. Imagine que substituíram os aviões por balões dirigíveis.

Ela – Balões de ar quente?

Ele – Como acha que se faz descolar um zepelim?

Ela – Não sei...

Ele – Larga-se o lastro!

Ela – Quer atirar-me pela borda fora?

Ele – Os sacos de areia! Atiram-se pela borda fora. Ou esvaziam-se...

Ela – Mas... eu não tenho areia no saco!

Ele – Tem a certeza?

Ela abre o saco, enfia a mão lá dentro e, surpreendida, tira um punhado de areia, que deixa escorrer por entre os dedos.

Ele – Ora aí está...

Ela – Acha que isso chega?

Ele – Eu não tenho bagagem...

Ela – Está bem...

Ela despeja a areia no chão.

Ele – Perfeito.

Uma pausa.

Ela – Continuamos sem descolar...

Ele – Mas, pelo menos, deve sentir-se mais leve, não?

Ela – Não sei.

Ele – De que estávamos a falar?

Ela – Já não me lembro... E o senhor?

Ele – Eu nunca tive memória.

Ela – Então porque é que tenho esta vaga sensação de já ter vivido isto...?

Ele – Acha que estávamos destinados a encontrar-nos?

Ela – Se já está tudo escrito... Devem tê-lo desviado na minha direção.

Ele – Ou então é a senhora que está a descarrilar.

Ela – Quer ser meu marido?

Ele (*olhando à sua volta*) – Tenho mesmo escolha?

Ela – Tinha de acabar assim.

Ele – Estava escrito.

Silêncio.

Ele – Parece que vai estar bom tempo.

Ela – Sim, anunciam trovoadas.

Uma pausa.

Ela – Eu também estou a começar a ter vontade de ir à casa de banho.

Ele – Deve ter sido o destino a juntar-nos.

Dão as mãos.

Ele – Um pouco de companhia...

Ela – Não faz mal nenhum.

Exibem um sorriso publicitário.

Ele – Terminal 2.

Ela – Companhia low cost.

19. A estrada

Duas personagens à beira de uma estrada. A primeira tem o polegar levantado, a pedir boleia.

Um – Está tudo calmo.

Dois – Sim.

Um – Quase não passa nada.

Dois – Não.

Um – Estou a ficar com uma câibra. *(Baixa o polegar.)* Onde é que esta estrada vai dar?

Dois – Para que lado?

Um – Não sei. Para aquele lado.

Dois – Não há nenhum sinal?

Um – Não vejo nenhum.

Dois – E do outro lado?

Um – Também não. *(Uma pausa.)* É parvo, não achas?

Dois – O quê?

Um – Estamos aqui, à beira da estrada, e não sabemos onde é que ela vai dar.

Dois – A estrada, não sei onde vai dar, mas nós não vamos a lado nenhum.

Um – Pois... Não há muito trânsito. *(Uma pausa.)* E se mudássemos de lado?

Dois – Para quê?

Um – Para irmos naquele sentido?

Dois – Queres ir naquele sentido?

Um – Porque não? Não passa nenhum carro neste sentido.

Dois – Também não passa nenhum no outro.

Um – Ficamos cada um de um lado.

Dois – Para quê?

Um – Assim duplicamos as nossas hipóteses.

Dois – Hipóteses de quê?

Um – De não ficarmos aqui. Queres ficar aqui, à beira da estrada?

Dois – Não.

Um – Pronto... Quem é que atravessa?

Dois – Vai tu. A ideia foi tua...

Um – Está bem.

Dois – Cuidado ao atravessar.

A primeira personagem atravessa para o outro lado da estrada. Um longo silêncio.

Dois – Então?

Um – Deste lado também está tudo calmo.

Dois – E se vier um carro?

Um – E parar, queres dizer?

Dois – E parar.

Um – De que lado?

Dois – Não sei. De um lado ou do outro.

Um – Então entramos.

Dois – Os dois?

Um – Que achas?

Dois – Não sei.

Um – Se nos separarmos, duplicamos as nossas hipóteses.

Dois – Hipóteses de quê?

Um – De que um carro pare.

Dois – Mas então não vamos no mesmo sentido?

Um – De qualquer maneira, não passa carro nenhum...

Dois – Acho que antes era melhor.

Um – O quê?

Dois – Estávamos juntos.

Um – Juntos?

Dois – Do mesmo lado. Podíamos conversar.

Um – Conversar sobre quê?

Dois – Para passar o tempo, enquanto esperávamos que parasse um carro.

Um – Então atravessa também.

A segunda personagem atravessa e vai juntar-se à primeira. Silêncio. Ouve-se o ruído de um carro que se aproxima.

Dois – Merda, vai no outro sentido.

Um – Se não tivesses atravessado...

Dois – Terias ficado aqui sem mim, à beira da estrada, e eu teria ido naquele sentido.

Um – Pois...

Dois – Talvez os carros só passem num sentido.

Um – Em que sentido?

Dois – Talvez seja uma estrada de sentido único. Se calhar, este é o sentido proibido.

Um – Achas?

Dois – Nunca vimos passar um carro neste sentido.

Um – O que fazemos? Voltamos para o outro lado?

Dois – Também não se está mal aqui.

Um – Se não fosse esta estrada.

Dois – Não há muito trânsito.

Um – Não... Está tudo calmo.

20. A verdade seja dita

Um casal sentado à mesa. Estão a acabar de jantar.

Mulher – Que banquete!

Homem – Sim, não é?

Mulher – Enfim, de vez em quando podemos permitir-nos um pequeno excesso, quando a ocasião o merece.

Homem – Vá, ao nosso aniversário de casamento!

Levantam os copos, brindam e bebem.

Mulher – Trinta anos, imagina!

Homem – Parece que foi ontem.

Mulher – Se pudesses voltar atrás, casavas comigo?

Homem – De olhos fechados!

Mulher – E de olhos abertos?

Homem – Não se costuma dizer que o amor é cego?

Mulher – O que queres dizer com isso?

Homem – Olha, não faço a mínima ideia.

Mulher – Estou com a cabeça um pouco à roda...

Homem – Queres sobremesa?

Mulher – Não sei se seria muito sensato...

Chega a empregada de mesa.

Empregada – Então? Gostaram?

Homem – Estava tudo perfeito! Não estava, querida?

Mulher – Delicioso! Não, a sério...

Homem – Um bom restaurante assim era o que faltava no bairro.

Empregada – Obrigada.

Mulher – E o que lhe deu a ideia de abrir um restaurante aqui na zona, se não é indiscrição?

Empregada – Na restauração não há segredos. É preciso escolher um bairro onde as pessoas sejam suficientemente velhas para já não terem outro prazer na vida além de comer. Mas também não demasiado velhas: ainda têm de lhes restar alguns dentes para mastigar.

Homem – Ah, pois...

Empregada – E velhos suficientemente ricos para poderem pagar um restaurante caríssimo de vez em quando, claro.

Mulher – Claro... Mas, tirando isso, estava tudo muito bom. Não estava, querido?

Homem – Excelente.

Empregada – Bom, não fazemos nada de complicado. Limitamo-nos a descongelar os pratos já preparados que compramos ao grossista por tuta e meia.

Mulher – A sério?

Empregada – Para quê complicar? De qualquer maneira, as pessoas não notam a diferença. Os senhores notaram?

Homem – Na verdade, não...

Empregada – Estão a ver? Entre nós, este restaurante nem sequer tem cozinha.

Homem – A sério? Mas naquela porta, ali ao lado das casas de banho...

Mulher – Está escrito «Cozinha», não está?

Empregada – Isso é só para o cenário. É uma porta falsa encostada à parede. Nem sequer abre. Só temos uma arrecadação atrás do balcão, com um micro-ondas para descongelar tudo num instante.

Homem – Ah, pois...

Empregada – Não acharam estranho termos uns cinquenta pratos diferentes na ementa?

Homem – É verdade que há muito por onde escolher, mas...

Empregada – E que, cinco minutos depois de fazerem o pedido, lhes servíssemos uma autêntica bouillabaisse de Marselha, como se tivesse ficado a apurar o dia inteiro numa cozinha do Vieux-Port?

Mulher – O serviço é rápido, isso não se pode negar. Não é, querido?

Homem – De qualquer maneira, a bouillabaisse estava muito boa.

Empregada – Bom, se gostaram, é o que importa. Uma sobremesazinha, talvez, para ajudar a digerir a bouillabaisse?

Homem – Porque não?

Mulher – Com todo o gosto...

Homem – É pura gula.

Empregada – Sim, com esse ar bem nutrido que têm os dois, calculo que não tenha sido a desnutrição que os trouxe até à porta deste restaurante.

Homem – Pois não...

Empregada – Se é que ainda se pode chamar restaurante a isto...

Mulher – Pois...

Empregada – Então? Posso fazer-lhes uma pequena sugestão para a sobremesa?

Mulher – Claro.

Empregada – Nesse caso, recomendo-lhes o tiramisu.

Mulher – A especialidade da casa, imagino.

Empregada – Não! Mas está ali esquecido no congelador há pelo menos seis meses e o prazo de validade acaba amanhã. Se não vender o que resta até ao fim da noite, teremos de dar tudo a uma cantina social. É que temos controlos sanitários muito rigorosos.

Homem – Isso é tranquilizador...

Empregada – Vá, façam uma boa ação! Não vão querer que este autêntico tiramisu à italiana acabe numa cantina social e que quem passa fome a sério apanhe uma indigestão em vosso lugar, pois não?

Mulher – Está bem, venha o tiramisu.

Homem – Para mim também.

Empregada – E uma gastroenterite de vez em quando faz muito bem à linha, vão ver...

Mulher – Vai fazer-nos recordar a nossa lua de mel em Itália...

Empregada – Apanharam uma gastroenterite durante a lua de mel?

Homem – Eh... não, estava a falar do tiramisu.

Empregada – Desculpe?

Mulher – O tiramisu, a Itália...

Empregada – Ah, sim! Eu disse que era um tiramisu à italiana, não disse que vinha de Itália. Este é fabricado na Roménia, mas pronto. Ao menos sabemos de onde vem. Nem sempre é assim, acreditem... Muito bem, dois tiramisus para os senhores.

A empregada afasta-se. Eles trocam um sorriso amável.

Homem – Não sei se foi muito sensato.

Mulher – Pois... É mesmo pura gula...

21. Contrassenso do humor

Entra uma personagem. Parece estar à procura de qualquer coisa. Uma segunda personagem aproxima-se e observa-a por momentos, com curiosidade, sem perceber muito bem o que está a fazer.

Dois – Perdeu alguma coisa?

A primeira personagem dá pela sua presença.

Um – Eh... Sim... Acontece que... perdi o meu sentido de humor.

Dois – Não está a brincar?

Um – Não poderia ajudar-me, por acaso?

Dois – Ajudá-lo?

Um – A encontrar o meu sentido de humor.

Dois – Gostava, mas não faço a mínima ideia do que isso é.

Um – Não sabe o que é?

Dois – Não tenho sentido de humor nenhum.

Um – Não? Tem a certeza?

Dois – Quanto a isso... Todas as pessoas que conheço são unânimes.

Um – Ah, sim... Não tem graça. Nenhum sentido de humor?

Dois – Portanto, mesmo que quisesse, percebe... Não vejo como poderia ajudá-lo a encontrar o seu.

Um – Claro.

Dois – Não será uma piada, por acaso?

Um – O quê?

Dois – Bem... Isso que me está a dizer. Que perdeu o seu sentido de humor.

Um – Ah, não, de maneira nenhuma...

Dois – É que, se fosse uma piada, infelizmente... Não espere que eu a perceba.

Um – Compreendo.

Dois – Mas isso não quer dizer necessariamente que a sua piada não tenha graça, atenção. Eu nunca me rio de piada nenhuma...

Um – Isso não me ajuda muito...

Uma pausa.

Dois – Então o humor tem um sentido?

Um – Desculpe?

Dois – Diz que perdeu o sentido de humor. Então o humor tem um sentido?

Um – Sim, num certo sentido.

Dois – Até o humor absurdo?

Um – Não, é verdade, esse não tem sentido nenhum.

Dois – É evidente. O absurdo não tem sentido nenhum, nem sequer sentido de humor.

Um – Não era exatamente isso que eu queria dizer. Era precisamente o contrário. O que eu queria dizer é que o humor absurdo não tem sentido. É justamente aí que está a piada.

Dois – Acha?

Um – Pelo menos era o que eu pensava antes de perder o meu sentido de humor. Mas confesso que agora já não tenho tanta certeza.

Dois – Isto tudo é um bocado complicado, não?

Um – Deve ser por isso que não me consigo orientar.

Dois – E acha que há um bom e um mau sentido de humor?

Um – Não. Porquê?

Dois – Diz que perdeu o seu sentido de humor. Então o humor tem vários sentidos e já não sabe qual é o bom?

Um – O bom quê?

Dois – O bom senso!

Um – Percebo, mas receio que esteja a cometer outro contrassenso.

Dois – Então também existe um contrassenso do humor?

Um – Quando se fala de sentido de humor, não se usa a palavra «sentido» no sentido de...

Dois – Não me diga que a palavra «sentido» também tem vários sentidos!

Um – O sentido de humor é a capacidade de achar graça às coisas que têm graça. Isso não significa que o humor tenha de ter sentido e, muito menos, que exista um bom e um mau sentido de humor.

Dois – Se bem percebi... não existe sentido de humor.

Um – Eu diria mais: o humor é precisamente aquilo que não tem sentido.

Dois – Isso parece-me tudo do mais puro bom senso.

Um – O que é que eu lhe dizia?

Dois – O quê?

Um – Perdi o meu sentido de humor.

Dois – Tem a certeza?

Um – Acredite: quando alguém tenta dar sentido ao humor, é porque não tem sentido de humor nenhum.

Dois – Faz sentido.

Um – Veja o caso de Bergson. Escreveu um livro sobre o riso. *Ensaio sobre a significação do cómico*. Pois acredite: esse homem não tinha graça nenhuma. E nunca vi ninguém desatar a rir ao ler o livro dele.

A segunda personagem olha para a primeira por momentos, perplexa.

Dois – Mesmo assim, vou ajudá-lo a procurar...

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 120 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Apocalypse
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Entre Bastidores
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seus sites :*

*<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>*

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2026

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-417-7

Documento para download gratuito